

# Comunicação e espaços urbanos: relação essencial à contemporaneidade

**Ricardo Ferreira Freitas**

*A cidade é uma armadilha. E nela, e somente nela, que o “homo urbanus” pode ter consciência da artificialidade do mundo, do desaparecimento progressivo das zonas naturais, da amplitude dos simulacros que ocultam a nudez do ser. Mas, o “homo urbanus” é um animal inteligente que sabe como se sair dessa e fazer do urbano o lugar propício a seu bem-estar (...) A cidade é uma conquista. Uma extensão dos sentidos. Uma possibilidade de paixão.*

PAQUOT, T. 1990, p.135

A cidade é um assunto apaixonante. Especialmente nos últimos séculos, com o fortalecimento da sociedade industrial, a cidade tem conjugado incontáveis códigos paradoxais que despertam um enorme interesse nos mais variados campos científicos. Nas últimas décadas, a academia se vê mais do que nunca conduzida à reflexão sobre a urbanização do mundo, confirmando, assim, a cidade como assunto fundamental às mais diversas leituras da sociedade.

Neste final de milênio, as cidades fervem. Seu processo de ebulição se correlaciona ao excesso de comunicações no cotidiano. O *stress* urbano se espalha pelo planeta instaurando em todos os lugares um clima de pressa permanente. A rapidez, a efemeridade e a velocidade são noções totalmente incorporadas aos espaços urbanos como podemos perceber nas últimas tendências arquitetônicas e nas análises de diversos teóricos contemporâneos como Paul Virilio quando ele diz que a informação nos invade incessantemente provocando um certo estado de emergência nas relações do cotidiano (Virilio, 1993 p.167).

Esta constatação evidencia a comunicação como um campo de estudo fundamental para a reflexão e tentativa de compreensão dos caminhos da contemporaneidade ou da pós-modernidade (para aqueles que preferem este termo) especialmente no que tange à cidade. A produção intelectual dos

últimos anos está mais ou menos de acordo sobre isso. Felix Guattari, por exemplo, pensa numa era pós-mídia na qual o homem encontra-se totalmente *desterritorializado* (Guattari, 1993 p.169); outro europeu, Gianni Vattimo, acredita numa *guerra telemática* que oferece ao homem a chance de construir sua liberdade apesar de transformar a sociedade num grande campo de batalha (Vattimo, 1990 p.23); já Michel Maffesoli considera a comunicação e, em especial, a imagem referências fundamentais à tentativa de compreender as tribos urbanas e toda sorte de aglomerados sociais contemporâneos (Maffesoli, 1995 p.89). Podemos recorrer a vários outros pensadores contemporâneos para constatar que a comunicação está presente em toda produção crítica sobre os espaços urbanos e a contemporaneidade como Baudrillard, Eco, Lash, Sodrê etc. Em todos eles, preocupações comuns: simulacros, telas, mídia... Os antigos modelos de processos de comunicação praticamente caem por terra visto que emissor e receptor se confundem incessantemente no cotidiano urbano.

## Fragmentação e mundialização: aspectos da cidade contemporânea

Imagens de cidades perfeitas do futuro foram esboçadas ao longo dos séculos XIX e XX. Entre utopias e regras “ideais”, a sociedade industrial elaborou uma série de modelos urbanos sob a égide de pensadores e urbanistas ilustres como Fourier, Baltard, Le Corbusier, Wright, Niemeyer... Em vão. Cidades operárias, cidades ideais ou cidades radiais, todas fracassaram. A cidade moderna transformou-se, ao longo das últimas décadas, em arquipélagos confusos de concreto; arquipélagos plenos de comunicações.

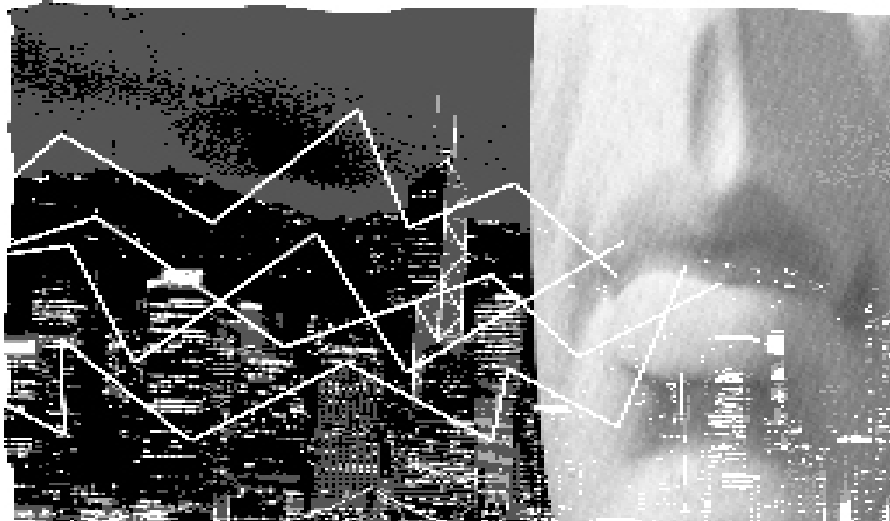
Paradoxais, as cidades contemporâneas concentram os mais variados signos da desordem mundial. A idéia moderna de que a cidade deve se espalhar (Choay, 1980 p.282) ganha uma nova abordagem neste fim de século. Não há mais grandes distâncias em nível de comunicação e as distâncias geográficas tornam-se menos áridas com a evolução dos transportes. Com isso, a cida-

de ao mesmo tempo se espalha e se limita simulando-se em espaços semi-privados ou semi-públicos que induzem a sentimentos de proteção como os *malls* e os centros empresariais.

Plural sob qualquer aspecto, a metrópole pós-industrial é ambiente de explosões de códigos, estimulando novas fontes de significações. A idéia de sociedade de massa se torna, mais do que nunca, nebulosa devido à mundialização das cidades e à segmentação “overdosada” dos mercados. Massa, hoje, parece ser o mundo; o mesmo mundo que se tribaliza via TV a cabo, mala-direta ou Internet. Com isso, as cidades, confusas, se simulam em mini-espaços. Espaços que reproduzem entre-muros as opções principais do espaço público e aberto da modernidade: a praça, os serviços, a funcionalidade. E o que podemos perceber quando observamos o planejamento arquitetônico e o cotidiano de construções típicas das últimas décadas como os *shopping centers*, os condomínios fechados e os centros empresariais.

Espontâneas ou concertadas, as grandes cidades apresentam muitos aspectos comuns nas mais diversas partes do planeta: privatização territorial do público e saturação de dados - violência e comunicação compõem o cotidiano urbano. A violência não pode ser, evidentemente, a única questão a ser discutida sobre a cidade espalhada e tribalizada da contemporaneidade. Correlacionada à segunda questão implícita nesta discussão, a comunicação nos agrega à dispersão provocada pela mundialização. A cidade é planetária, portanto, aberta - o horizonte é o limite, assim como o muro.

A cidade não se pertence mais. Ela pertence ao mundo. O homem urbano não mais se motiva ao debate nacional; sua performance pública se dá em nível mundial (via Internet, por exemplo) ou regional. Os compromissos de longo prazo adquirem nova face com o clima de emergência imposto por fatores como a violência urbana, a deterioração do meio ambiente, as diversas crises econômicas e mesmo a *démodée*, porém presente, ameaça nuclear.



### A cidade contemporânea e as novas utopias arquitetônicas

Após inúmeras tentativas de planejamento da cidade ideal, as buscas continuam. Promessas de caleidoscópios urbanos inseridos em espaços delimitados com grades, como os novos mega-condomínios fechados da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, fazem parte desse quadro de ensaios. Entre-muros, a sociedade urbana contemporânea tenta driblar os sintomas da falência do projeto moderno de cidade tentado desde o século XIX; a violência, a poluição, o *stress* angustiam o homem e o obrigam a tribalizar, inclusive sob o aspecto espacial, seu cotidiano - entre pares, ainda que anônimos, tem-se a sensação de deixar o trágico do lado de fora. Para ilustrar este ponto de vista, podemos recorrer a dois tipos de construção contemporânea bastante numerosa em cidades como o Rio de Janeiro: os *shopping centers* e os condomínios fechados.

Os *shopping centers* abrandam, de certa forma, o estado de urgência exterior, mesmo se eles o repetem através de seus meios de comunicação. Espetáculo estético: máscaras, telas, mapas. A ambientação interna dos centros comerciais privilegia uma pluralidade total de imagens motivando a construção de redes de comunicação que podem também ser entendidas como redes de "esteticidade". A estética se confirma enquanto um importante meio de comunicação e de ligações. Poderia se arriscar a falar de um certo "narcisismo coletivo" que se pulveriza entre o público dos centros comerciais não somente através das telas, dos mapas ou dos sistemas de sonorização, mas sobretudo através das máscaras e todos os *aparatus estheticus*

da pós-modernidade. Baudrillard crê em um desinvestimento do sistema dos objetos em favor de uma hiper-realidade onde as coisas e as pessoas misturam-se todos em terminais de múltiplas redes (Baudrillard, 1995 p.49). É bem isso que se percebe nos *shopping centers* quando se observa sua tentativa de simular a cidade ideal: praças, restaurantes e alamedas assépticas e "seguras".

Os condomínios fechados são outro bom exemplo; trata-se de construções que, em casos como o Rio de Janeiro (onde foram bastante assimilados em alguns bairros), têm uma relação direta com os "inconvenientes sociais" da cidade. Alguns reproduzem uma cidade *safe* em redução com escolas, mercados e amplas áreas de lazer; outros, menores, não deixam de ter piscina, quadras de esporte e sauna, além de *play-ground*, obviamente. Nos dois casos, encontramos a evidência da fuga, a preferência pelo imaginário da negociação e das alianças; algo que poderíamos compreender como uma eufemização do espaço exterior trágico e cruel. Assim, as noções de socialização e de lazer tomam formas fechadas - o *play-ground* se transforma numa espécie de resgate da calçada pública: festas juninas, festas de dia dos pais, mães ou crianças, lugar de estar-junto.

### Conclusão

Neste fim de século, algumas grandes cidades tentam novamente se reorganizar, encontrando, porém, dificuldades múltiplas. As noções de desordem e de caos atrelam-se irremediavelmente à questão urbana; dentro desse quadro, o cotidiano é invadido por sentimentos, às vezes insuportáveis, sobre violência e desconfiança. Não há mais

flores? Sim, há: nos *shopping centers*, nos condomínios fechados, nos centros empresariais, assim como em alguns parques e jardins cercados por grades. A cidade se auto-reproduz em simulacros de espaços ideais.

Simulamos a cidade ideal dentro de neoutopias arquitetônicas - construções que, ao contrário da maioria das utopias da arquitetura moderna, existem "concretamente" como os clubes, as colônias de férias, os *malls*. Espaços urbanos que se proliferam na mesma proporção que a violência e as redes de comunicação; esta situação configura-se como um dos maiores paradoxos contemporâneos: a miséria e a tecnologia de ponta se confirmam como dois extremos cada vez mais presentes na sociedade.

Enfim, sem mesmo precisarmos lembrar toda a questão da erosão do conceito de Estado-nação, constatamos que a cidade é definitivamente o grande material de estudo para a contemporaneidade. Sem ele, estarão comprometidas quaisquer tendências científicas, sejam em medicina, sejam em engenharia, sejam em comunicação.

### Ricardo Ferreira Freitas

- Doutor em Sociologia pela Universidade Paris V/Sorbonne. É professor da UNESA e é o atual Diretor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.

### Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *Le crime parfait*. Paris, Galilée, 1995, 210 p.
- CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo, Perspectiva, 336 p.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose - um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, 34, 1993, 210 p.
- LASH, Scott. *Sociology of postmodernism*. New York, Routledge, 1991, 300 p.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, Artes e ofícios, 1995, 170p.
- PAQUOT, Thierry. *Homo Urbanus*. Paris, Editions du Felin, 1990, 178 p.
- VATTIMO, Gianni. *La société transparente*. Paris, Desclée de Brouwer, 1990, 100 p.
- VIRILIO, Paul. *L'Art du moteur*. Paris, Galilée, 1993, 200 p.